

FUNDIU ESTERLINAS ENTRE AS UNHAS ROXAS

Notas sobre o poema *Nocturno*, de Mário de Andrade

Venus Brasileira Couy

Ó meus caminhos e sua cadência
Jean Caubère

O que resta ainda a contar de Mário de Andrade, que foi trezentos, trezentos e cinquenta e muito mais? Que caminhos percorrer na trilha de um sujeito poético que ao deambular por São Paulo constrói o “Nocturno” e revisita nas lembranças e estilhaços da memória a “pauliceia desvairada”?

Em “Nocturno”, o eu poético vaga à noite pela cidade e, sobretudo, pelo Cambuci. E o que se vê, além da marcha dos passantes, dos semáforos, do concreto acinzentado, é uma arquitetura de corpos, que se exhibe pela rua, pulverizando lampejos eróticos em meio à aridez do cotidiano urbano:

“Luzes do Cambuci pelas noites de crime...
Calor! E as nuvens baixas muito grossas,
Feitas de corpos de mariposas,
Rumorejando na epiderme das árvores...” (ANDRADE, 1980, p. 44)

No poema, as reticências e as exclamações sugerem à maneira simbolista uma languidez e uma indolência à cidade revisitada e, especialmente, ao sujeito lírico, que, por meio de um olhar curioso e, ao mesmo tempo, distraído, abre-se para a vastidão das sensações, nas quais aromas, cheiros e cores desfilam pelas “Luzes do Cambuci e pelas noites de crime”.

Entretanto, não é apenas nos corpos das prostitutas, com as olheiras, “que escurecem almas...” e “unhas roxas”, que o espaço da cidade é humanizado, mas também “na epiderme das árvores”, no “gingar dos bondes”, no “cuspir dos trilhos”, formando, assim, uma cadeia de prosopopeias que personificam o espaço, ainda que de forma sombria e muitas vezes mercantil. Há um quê de “Mal do Século” e de *spleen*

no olhar, nos perfumes, cores e imagens que circulam pela cidade – não sem corpo a ofertar, não sem moedas a fundir, preferencialmente as estrangeiras:

“Num perfume de heliotrópios e de poças
Gira uma flor do mal... Veio do Turquestan...
E traz olheiras que escurecem almas...
Fundiu esterlinas entre as unhas roxas
Nos oscilantes de Ribeirão Preto...” (ANDRADE, 1980, p. 44).

O poeta se vale ainda da força do paradoxo – “na treva cor de cal”, “num mulato cor de oiro” –, que na composição das imagens imprime um estranhamento à cidade e aos habitantes que nela circulam. Utiliza também a justaposição, no qual a oralidade e a escrita se unem, fazendo aparecer a voz do imigrante italiano “– Batat’assat’ô furnn!...” –, que marca uma cadência, refrão que se repete ao longo do texto. O grito do ambulante entrecorta o poema, interrompe o sentido e, por meio da cesura, quebra por alguns instantes a continuidade do sentido, da sedução que se pratica ao ar livre e debaixo dos plátanos:

“Calor!... Os diabos andam no ar
Corpos de nuas carregando...
As lassitudes dos sempre imprevisos!
E as almas acordando às mãos dos enlaçados!
Idílios sob os plátanos!...” (ANDRADE, 1980, p. 45)

A presença da morte aparece ainda por meio da alusão ao poeta da segunda geração romântica, Álvares de Azevedo, “Quando eu morrer...”, e a intertextualidade se faz também presente na menção a Alencar. Ainda que nas travessas do Cambuci abundem Iracemas, o sujeito poético se encontra preso nas amarras de certa melancolia diante do desejo e do inesperado:

“Balcões na cautela latejante, onde florescem Iracemas
Para os encontros dos guerreiros brancos... Brancos?
E que os cães latam nos jardins!
Ninguém, ninguém se importa!
Todos embarcam na Alameda dos Beijos da Aventura!
Mas eu... Estas minhas grades em girândolas de Jasmins,
enquanto as travessas do Cambuci nos livres
da liberdade dos lábios entreabertos!” (ANDRADE, 1980, p. 45)

Assim, perante as diversidades étnicas, sociais e a imensidão da polis, o que resta ao eu lírico senão apresentar-se como um Arlequim (bobo ou malandro?), formado por diversos pedaços, losangos multicores, que ao se unirem potencializam a multiplicidade do sujeito e da cidade:

“Arlequinal, Arlequinal!
As nuvens baixas muito grossas,
Feitas de corpos de mariposas,
Rumorejando na epiderme das árvores...
Mas sobre estas minhas grades
[em girândolas de jasmims,
o estelário delira em carnagens de luz,
e meu céu é todo um rojão de lágrimas!...” (ANDRADE, 1980, p. 45)

Ao evocar as tensões presentes na rua e na cidade – territórios, por excelência, da procura, da guerra, do conflito – o sujeito poético acaba por instaurar e reinscrever em “Nocturno” o confronto entre o velho e o novo, o sagrado e o profano, a oralidade e a escrita, a liberdade e o encarceramento e, sobretudo, entre a tradição e a modernidade.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário de. Nocturno. In: *Poesias completas*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
_____. *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Martins, 1974.

Venus Brasileira Couy é Doutora em Teoria da Literatura (UFRJ). Ensaísta e poeta, publicou, entre outros livros, *Mural dos nomes impróprios: ensaio sobre grafite de banheiro* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2005) e *Inverno de baunilha* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2004).